

O En(tre) lugar da Dança Contemporânea na Bahia e no Recife: A pesquisa sobre as re-elaborações estéticas coreográficas do Balé Folclórico da Bahia e do Grupo Grial de Dança.

Maria de Lurdes Barros da Paixão¹
Universidade Estadual de Santa Cruz UESC-BA

Resumo: Este artigo apresenta resultados da tese de Doutorado em Artes defendida em fevereiro de 2009 na Universidade de Campinas /UNICAMP. Tece análises sobre a Dança Contemporânea elaborada e ressignificada em dois diferentes contextos sócio-histórico-cultural brasileiro. Para isto realiza-se uma análise das diferenças e similitudes nas re-elaborações etno-ética-estética-coreográfica e dramaturgica do Balé Folclórico da Bahia/Salvador/BA e do Grupo Grial de Dança/Recife/PE a partir dos elementos presentes nos signos, símbolos, mitos e danças de origem afro-brasileira. As questões levantadas apontam que estas danças podem ser fontes de produção artística e criação coreográfica concebendo uma proposição dramaturgica para a Dança Contemporânea Brasileira. Transpondo fronteiras geográficas e culturais, este artigo descreve as possibilidades de pesquisa e criação artística a partir da temática afro-brasileira baseada nas relações tecidas entre corpo, memória, tradição e contemporaneidade. A metodologia utilizada será a análise fenomenológica orientada na proposta da etnóloga Juana Elbein dos Santos. O referencial teórico traz autores como Bastide (1983), Kerkhove (1997), Munanga (1999), Santos I. (2006), Santos J. (1996), Silva e Calaça (2006), Suassuna (1977, 2004) e Verger (1997) para ratificar as idéias apresentadas. A análise videográfica e a utilização dos princípios da dança africana são os elementos norteadores do processo de pesquisa sobre as criações coreográficas do Balé Folclórico da Bahia e do Grupo Grial de Dança. Essas estratégias possibilitam apontar caminhos que explicam como estas companhias de dança lidam com a estética e os conceitos de arte africana no âmbito da Dança Contemporânea Brasileira. Propõe-se uma dramaturgia para a Dança Contemporânea, baseada em princípios etno-ético-estético-coreográfico e dramaturgico referenciada na pluralidade das danças tradicionais populares de origem afro-brasileira.

Palavras-Chave: Pesquisa em Dança, Memória, Tradição, Contemporaneidade, Re-elaborações Etno-Ética-Estética-Dramaturgica-Coreográfica.

O conhecimento sistematizado pelos coreógrafos sobre as danças e folguedos tradicionais ressignifica e renova o sentido dessas tradições. Para Canclini (1998; 151): “Há uma mudança de objeto de estudo na estética contemporânea. Analisar a arte já não é analisar apenas obras, mas as condições textuais e extratextuais, estéticas e sociais, em que a interação entre os membros do campo gera e renova o sentido”.

Desse modo, as análises das re-elaborações estéticas coreográficas da matriz africana no Balé Folclórico da Bahia – BFBA²- Salvador e no Grupo Grial de Dança de Recife/PE é o foco deste artigo.

¹ Doutora em Artes Pela UNICAMP/2009; Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC- BAHIA /Brasil. E-mail: mariabarros@iar.unicamp.br.

A produção do conhecimento em dança requer estudos sobre as matrizes culturais: indígenas, africanas e ibéricas. Matrizes formadoras da cultura brasileira que expressam um jeito singular de um povo em lidar com a sua corporeidade e as suas manifestações culturais.

Os fatores sociais, políticos, econômicos e culturais impostos pelos países desenvolvidos ao Brasil trouxeram como consequência a assimilação e reprodução de valores culturais estrangeiros, contribuindo para que o povo brasileiro se distanciasse de suas referências culturais.

A herança escravista e o fato do Brasil ter sido o último país do ocidente a abolir a escravidão, além da colonização européia, contribuíram para o não reconhecimento da cultura afro-brasileira, imputando-lhe invisibilidade e preconceitos de toda ordem.

Acreditamos que tais questões são fatores responsáveis pelas escassas pesquisas sobre as danças de origem afro-brasileira. Compreendemos, entretanto, que essas danças podem ser fontes de estudo e proposição dramaturgica para a Dança Contemporânea Brasileira.

De acordo com Cunha apud Silva e Calaça (2006), a arte africana transmite idéias, conceitos, valores grupais. Assim, o artista deve sugerir e transcender materialidade das formas.

Nesta perspectiva, os referenciais culturais dos povos africanos sugerem, comunicam, criam formas plásticas, estéticas, belas e expressivas presente nas danças.

Nessa direção, surgiu o interesse na re-elaboração estética da dança afro-brasileira e as possibilidades de pesquisa e criação artística dessas danças, através das análises das concepções coreográficas do BFBA e do Grupo Grial.

Consideramos que as reflexões apresentadas podem contribuir para a divulgação e conhecimento da cultura afro-brasileira no âmbito conceitual e estético da Dança Contemporânea.

Coadunamos com Rêgo (2007; 58/61) quanto aos significados atribuídos à Dança Contemporânea: é “[...] uma visão de mundo levada aos palcos. É uma relação de respeito e criação com a história da formação de cada lugar e do seu povo, na intenção de projetar uma linguagem de dança onde o movimento corporal não seja estranho a esse povo”.

Desse modo, as danças de origem africana não são apêndices da nossa cultura, estando assim inseridas na cultura brasileira como um todo.

A dança africana remete à ancestralidade, o que explica a predominância da forma cíclica e circular como a dança é executada: no sentido anti-horário, visando à comunicação com os antepassados.

² BFBA – Balé Folclórico da Bahia.

De acordo com Assante (*apud* MARTINS, 1998) existem sete princípios básicos na dança africana: polirritmia, forma cíclica e circular, policentrismo, dimensionalidade, imitação e harmonia, sentido holístico e repetição³, os quais denominamos de princípios etno-ético-estético-coreográfico e dramático.

A observação desses princípios nas coreografias permite-nos refletir sobre como os coreógrafos do BFBA e do Grial lidam com a cultura afro-brasileira na dramaturgia coreográfica contemporânea.

O conceito de dramaturgia utilizado nas análises coreográficas converge com o entendimento de Adolphe (*apud* KERKHOVE 1997; 07) de que “a coreografia é, intrinsecamente, a dramaturgia da dança”. Nessa perspectiva, a dramaturgia na criação coreográfica são idéias, sentimentos e emoções em versos traduzidas em movimentos. Isto remete às tramas do bordado Redendê.

Assim, fios de linha parecem versos em forma de bordado. Fios de gestos em versos tecidos em forma de movimentos que bordam danças costurando cenas de memórias do passado e do presente, num permanente devir, renovando os sentidos entre tradição e contemporaneidade.

Trata-se de uma dramaturgia em processo que não se apóia em conceitos clássicos do âmbito da dramaturgia teatral:

[...]. O tipo de dramaturgia com o qual me sinto ligada, e que tentei aplicar tanto no teatro como na dança, tem um caráter de “processo”, escolhe-se trabalhar com materiais de origens diversas (textos, movimentos, imagens de filme, objetos, idéias, etc. [...]). (KERKHOVE, 1997; 02).

Nesse contexto, procedemos à análise coreográfica e dramática das composições coreográficas do BFBA e do Grial, objetivando compreender a poética dessas criações.

A análise das criações coreográficas dessas companhias se dá na temporalidade das ações observadas na perspectiva “desde dentro” e “desde fora”.

Em primeira análise, podemos afirmar que o BFBA possui o conhecimento sobre a natureza do método proposto por Juana Elbein dos Santos (1996); tal método orienta que se deve analisar um fenômeno na perspectiva “desde Dentro” e “desde Fora”.

³ Várias batidas rítmicas dentro de uma única batida; a dança é realizada em círculo e os corpos se movimentam no sentido anti-horário; complexidade de utilização de frases musicais e movimentos superpostos em uma única estrutura coreográfica; o movimento corporal é realizado nas três dimensões do espaço; movimentos de dança inspirados no trabalho cotidiano, lazer e religiosidade; busca integrar o físico, o emocional e o espiritual; a repetição é uma característica da dança ritual afro-brasileira que permite ao indivíduo alterar o seu estado de ser incorporando a força cósmica do orixá.

As coreografias do BFBA enfatizam a estética das danças do culto afro-brasileiro. Revelando para o público, em especial o estrangeiro, a cultura afro-brasileira em seus aspectos míticos e religiosos.

Também isso se reflete no aspecto comercial do espetáculo, essa forma de concepção atrai um maior número de público, que se identifica com criações que refletem a cultura local. Para o público estrangeiro, vende-se o exótico, o diferente dos espetáculos de Dança Contemporânea.

Em *Bahia de Todas as Cores* (1988) as coreografias do *Pantheon dos Orixás* são constituídas de elementos simbólicos da religiosidade afro-brasileira, reproduzindo em princípio, a gestualidade a estética e a dramaturgia das danças rituais afro-brasileiras.

Assim sendo, não percebemos um intercâmbio entre as experiências empíricas do coreógrafo “do umbigo para dentro” com as experiências “do umbigo para fora,” em analogia ao método proposto por Santos, J. (1996). Esse neologismo⁴ corresponde às experiências e vivências na cultura afro-brasileira.

Na análise da trilogia do Grial *A parte que nos cabe: Brincadeira de Mulato* (2005); *Ilha Brasil-Vertigem* (2005) e *Onça Castanha* (2006/2007) percebemos a presença da matriz afro-brasileira e indígena através das danças: Frevo, Guerreiro, Maracatu, Cavalão-Marinho e a Capoeira⁵.

A coreografia *Onça Castanha* remete às qualidades de movimentos das danças do maracatu e dos orixás; Ogum e Xangô, Iansã e Oxum, do culto afro-brasileiro.

Em princípio, podemos afirmar que as experiências iniciáticas “do umbigo para dentro” refletem as vivências do Grial, promovendo uma integração destes saberes elaborados com os “do umbigo para fora”.

A forma como o Grial lida com as matrizes culturais afro-brasileiras e indígenas agrega a proposta do Movimento Armorial que preconiza a junção do saber popular com a cultura erudita.

As análises sobre as criações coreográficas revelam que o Grial está mais próximo que o BFBA da denominação estética e conceitual de Dança Contemporânea. Contudo, percebemos que em algumas coreografias como *Dança de Origem*, *Afixirê*, *Ginga*, *Maracatu*, *Xaxado* e *Boi-Bumbá* o BFBA realiza um trabalho de re-elaboração estética da Dança de origem afro-brasileira e indígena na contemporaneidade.

⁴ ‘Do umbigo para fora’ corresponde à compreensão dos significados simbólicos da cultura afro-brasileira e sua re-interpretação e ressignificação estética na dança negra contemporânea.

⁵ Frevo, Guerreiro, Maracatu, Cavalão-Marinho, Capoeira: manifestações de danças populares presentes na região nordeste.

Assim, percebemos que o BFBA e o Grial realizam um trabalho etno-ético-estético-coreográfico e dramaturgico da Dança afro-brasileira de forma singular.

Parafrazeando Pinheiro e Silva (2004; 17), com suas danças, estes grupos “fazem viver a geografia, penetrando no mundo encantado e mágico das artes. Artes que revelam o espaço cultural e social, pleno de emoções e que fazem dos homens, humanos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade.** Trad. de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. (Ensaio Latino-Americanos, I).

KERKHOVE, Marianne Van. **Dossiê Dança e Dramaturgia.** Tradução de Cássia Navas. Bruxelas: Contredanse, 1997.

PINHEIRO, Délio; SILVA, M^a Auxiliadora. (orgs.). **Visões imaginárias da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura.** Salvador: EDUFBA: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, Mestrado em Geografia, 2004.

RÊGO, Maria Paula Costa. **Dez anos de Dança Armorial.** In: Continente Multicultural, Ano VII, n. 73, Janeiro de 2007.

SANTOS, Inaicyrá Falcão dos. **Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança- arte- educação.** São Paulo, Terceira Margem, 2006.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte.** Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Dilma de Melo; CALAÇA, Maria Cecília Félix. **Arte africana e afro-brasileira.** São Paulo: Terceira Margem, 2006.

SUASSUNA, Ariano. **O Movimento Armorial.** Recife, CONDEPE, 1977. Separata da Revista Pernambucana de Desenvolvimento; Recife, 4(1): 39-64, Jan/Jun. 1977.